

Estudo de mediações: o caso Ferdinand Denis

Jean-Claude Laborie

Littérature et Poétiques Comparées
Paris X – Nanterre Paris Ouest

Resumo:

O artigo se propõe como um programa de estudos em preparo sobre o tipo de mediação incorporado por um viajante francês ao Brasil, Ferdinand Denis (1798-1890). Tendo como ponto de partida um dossiê explorado de maneira superficial, parece possível trazer à tona as aproximações das recepções sucessivas de sua produção, tanto na França como no Brasil.

Palavras-chave: Ferdinand Denis; mediações; literatura comparada; romantismo; estudos de recepção

Résumé :

L'article se propose comme un programme d'étude encore à venir sur le type de médiation incarnée par un voyageur français au Brésil, Ferdinand Denis (1798-1890). À partir d'un dossier exploité de manière superficielle, il paraît possible de mettre au jour les approximations des réceptions successives de sa production, en France comme au Brésil.

Mots-clé: Ferdinand Denis ; médiations ; littérature comparée ; romantisme ; études de réception

Abstract:

The article's proposition is to establish a study program about a specific type of mediation incorporated by a french traveller in Brazil, Ferdinand Denis (1798-1890). Taking a preliminary explored dossier, it seems possible to bring into the picture the several approaches of his productions both in France and Brazil.

Keywords: Ferdinand Denis; mediations; comparative literature; romanticism; reception studies

Tradução de Guilherme S. Gomes Júnior

(revisão do autor)

As apostas do estudo de mediações

O estudo de mediações constitui objeto fundamental da literatura comparada. É um campo tradicional da disciplina, que foi renovado nos últimos anos pelos estudos sobre traduções e sobre relações interculturais. Na medida em que é ilusório supor que entidades nacionais ou continentes sejam entendidos como culturas hermeticamente definíveis, as mediações, sejam elas movimentos, conceitos, ou pessoas, permitem estabelecer um terreno mais seguro para o exame das relações interculturais. Entretanto, é também ilusório supor que as figurações da mediação possam ser abordadas de maneira fechada e estável, resolvendo assim, com certa facilidade, o delicado problema de toda pesquisa comparatista. A vantagem heurística do estudo de mediações reside essencialmente na decisão inicial de colocar-se em posição intermediária para observar o que resulta da relação. Com efeito, é necessário admitir a ausência de objeto, na medida em que se rompe com o estudo de agregados culturais sempre definidos por meio de pressupostos anteriores à pesquisa que se anuncia. Dessa forma, a circunscrição de um espaço de pesquisa é operação que ocorre no fim e não se trata de pré-requisito incontornável. É necessário admitir ainda que cada mediação é por si só um caso singular, permitindo a constituição de um objeto específico. No caso de ser reinserida em um paradigma (aquele dos viajantes franceses, das traduções de autores franceses, etc...) não faríamos outra coisa além de deslocar o problema, mobilizando de maneira lateral categorias constituídas fora, que paralisariam a análise. É grande exigência, mas necessária, a tarefa de constantemente desfazer no curso do estudo aquilo que tende a se sedimentar inexoravelmente.

Não há mais do que a mediação, contrariamente ao que se

podia imaginar em um primeiro tempo, ela constitui uma interrupção e não uma continuidade. Com efeito, nas relações interculturais é perceptível um regime lento e contínuo, que a mediação acaba por perturbar produzindo uma aceleração ou uma ruptura. Trata-se de um acontecimento criador de diferença, na medida em que produz aquilo que, sem ela, não teria lugar. Ela interrompe a fluida circulação das representações do outro, os clichês (eles mesmos resultantes de uma mediação precedente “degradada”), para introduzir elementos exógenos, uma aceleração do tempo ou uma interação inesperada. Em uma segunda etapa, a intervenção do pesquisador, que é igualmente uma nova mediação, reintroduz artificialmente a continuidade restabelecendo, retrospectivamente, uma lógica interpretativa. Com isso, o pesquisador aparentemente supera o paradoxo, segundo o qual um agente de ligação é de fato um obstáculo, e reconstitui aquilo que havia sido desconectado, por meio de uma inteligibilidade fictícia na qual a linearidade é a única lógica. Isso significa que todo estudo desse tipo deve transformar em problema sua própria intervenção e considerá-la como um novo avatar do objeto que ela própria busca circunscrever.

Se a categoria analítica *os viajantes* – mediadores humanos –, abre um campo de investigação bem balizado, muito amplamente explorado por historiadores e pela crítica, ela encontra, entretanto, os mesmos obstáculos no caso de agentes menos definidos. A questão essencial dos pertencimentos, da mobilidade dos discursos, das recepções diferenciais, assim como as questões da cronologia e dos espaços, passam pelo filtro opaco das resistências individuais, da psicologia, das traições ou do oportunismo. A transmissão ou a recepção não acontecem jamais, com efeito, sem perda, quiproquó ou distorção, “something is ever lost in translation”. Dessa forma, os intervalos entre a experiência

da viagem, sua retranscrição e seu reemprego em um outro contexto são constantemente negligenciados ou descartados em proveito de uma leitura teleológica. O trabalho sobre os viajantes oferece, contudo, um ponto de apoio sólido quando o interesse é abandonar as margens tranquilas da interpretação, a saber, o estudo dos textos. Certo número de ligações com a experiência ou ambientes de pertencimento é estabelecido em um segundo tempo e convida então ao retorno aos textos. O vai e vem assim instaurado permite colocar em perspectiva todos os tempos da análise. Ferdinand Denis, que será invocado aqui, propõe um caso exemplar. Com efeito, trata-se de um francês que, depois de passar três anos no Brasil entre 1818 e 1821, consagrou uma parte importante de sua energia no estabelecimento de uma relação intelectual com o país, publicando numerosos textos sobre a história, a natureza, os povos indígenas, a cultura e, sobretudo, a literatura do Brasil. Ele igualmente teve o papel de intermediário para os intelectuais brasileiros em passagem por Paris. Trata-se de uma mediação completa, entretanto mal conhecida em numerosos aspectos. Na França, as produções desse intelectual permaneceram largamente obscuras, enquanto no Brasil ele é ainda considerado como um dos grandes pais fundadores da literatura nacional, cujos fundamentos foram estabelecidos por ele. Rapidamente fez-se dele o intérprete do romantismo francês sob os trópicos, ao destacar, em certo número de trechos escolhidos, as fórmulas que serviriam à emancipação literária do Brasil independente.

Não é o caso, entretanto, de apresentar uma análise que, no momento, encontra-se ainda na dimensão de projeto. Contentamo-nos em apontar as dificuldades de um trabalho que se concebe como proposição metodológica, na condição de esforço de releitura daquele que, sem nenhuma posteridade na França,

foi instrumentalizado na república das letras brasileiras como um agente indiscutível do romantismo francês. Essas percepções repousam, evidentemente, no estabelecimento de categorias que devem ser questionadas mais adiante. Dessa forma, o objetivo será aqui de traçar as perspectivas de um estudo posterior mais aprofundado.

O personagem, sua vida, sua obra: questões múltiplas

A biografia de Ferdinand Denis (1798-1890) merece um exame atento, sobretudo em razão da disjunção que nela se apresenta entre a experiência real do contato com o Brasil e o lugar que o país ocupou na produção intelectual posterior. Nosso viajante passou ao todo e em tudo três anos no Brasil, de 1816 a 1819, quando tinha então dezoito anos e não muito mais do que vagas esperanças na bagagem; uma formação intelectual das mais precárias e a necessidade de ganhar dinheiro para o dote de sua irmã. Ele não alcançará nenhum dos objetivos e não fará mais do que acumular informações diversas, mas esparsas, sobre o país e sua cultura. A história de sua experiência pessoal, tal como se pode reconstruir com base no corpus documental recolhido na biblioteca Sainte Geneviève¹, permanece por demais factual. Reteremos em um primeiro momento o aspecto de profunda decepção: os apoios com os quais o jovem contava inicialmente não foram suficientes para garantir-lhe uma posição estável no plano da sobrevivência material. Afora sua expedição ao interior, nas margens do Jequitinhonha, o jovem francês, depois de um breve período no Rio de Janeiro, permaneceu em Salvador, na

¹ Os dados biográficos relativos a Ferdinand Denis estão em parte publicados (ver bibliografia). Mas o essencial permanece na biblioteca Sainte-Geneviève, no acervo Ferdinand Denis. As publicações fornecem dados sem que tenham sido submetidos à crítica. Na reconstituição biográfica de Denis, Léon Bourdon não faz mais do que interpolar documentos; e o catálogo de Cícero Dias é... um catálogo.

Bahia. Sem que nos alonguemos nessa decepcionante experiência, parece, no entanto, difícil postular sem discussão a absoluta da paixão de Denis pelo Brasil como um dado pertinente.

Ao contrário, a comparação entre a vivência brasileira e o número considerável de publicações sobre o assunto que Ferdinand Denis elabora desde seu retorno à França traz à tona um elemento essencial. Com efeito, desde 1822, ele publica *Le Brésil ou histoire, moeurs et coutumes des habitants de ce royaume* (junto com Hippolyte Taunay), dois anos mais tarde *Scènes de la nature sous les tropiques et leur influence sur la poésie, suivies de Camões et José Indio*, e em 1826 *Resumé de l'histoire littéraire du Portugal suivi du résumé de l'histoire littéraire du Brésil*. Outros textos relativos a viagens e terras exóticas aparecem um pouco mais tarde. Há nesse caso um paralelismo marcante com outras trajetórias de viajantes franceses do século XVI, André Thevet e Jean de Léry, que igualmente realizaram breves estadias no Brasil e depois publicaram obras importantes e consideráveis sobre esse país². Esse paralelismo se encontra confirmado em alguma medida pela morfologia geral da relação entre a França e o Brasil, o grau de presença física sendo inversamente proporcional à produção escrita e erudita. Esse dado inscreve imediatamente Ferdinand Denis em uma longa série, uma tradição francesa que articula o Brasil a uma aproximação do paraíso terrestre, um paraíso, contudo, rejeitado e de impossível engajamento a não ser pelo atalho da literatura. Entre compensação, nostalgia, exaltação, poesia, mas igualmente tentativa de tomar posse pelo trabalho de escritura, Ferdinand Denis se instala em uma série que o aproxima tanto de Jean de Léry como de Claude Lévi-Strauss.

² Essa ligação muito íntima entre Denis e seus predecessores do século XVI é perfeitamente circunscrita por Franck Lestringant em seu artigo « Ferdinand Denis, inventeur de la France Antarctique du Brésil », no volume XXIV de *Travaux de Littérature, Les Amériques des Écrivains français*, publicado por l'ADIREL com apoio do Centre national du livre, Paris, 2011, p. 219-234.

No caso de não buscarmos apenas o que queremos encontrar – isto é, uma ruptura decisiva para a jovem literatura brasileira ou então um programa romântico entregue à inteligência local –, o exame detalhado do corpus documental de Ferdinand Denis coloca a questão essencial de saber como esse viajante elabora sua visão do Brasil a partir do retorno. Como toda narrativa de viagem é antes de tudo um texto de legitimação, ou de reintegração, são procedimentos desse tipo, inscritos nos textos, que convém examinar. São, portanto, os elementos peritextuais, os prefácios, as notas, as dedicatórias, mas igualmente as construções e referências aos autores precedentes sobre o assunto que indicam os códigos da reconstrução textual que guiaram o jovem escritor. Só esse paciente trabalho permite mitigar a segmentação derivada da seleção de trechos escolhidos, cuja lógica é sempre teleológica. Um detalhe como o fato de Ferdinand Denis integrar a escravidão negra em seus textos de história, sem negligenciar o aporte humano e cultural da África, no mesmo momento em que os românticos brasileiros os negligenciavam totalmente, demonstra com clareza que a lógica do propósito de Denis foi desconstruída e instrumentalizada. É exatamente isso que qualquer trabalho sobre esse tipo de mediação deve observar no processo de compreensão.

Um texto como *Scènes de la nature sous les tropiques* contém muito mais informação do que o simples, e não menos evidente, entusiasmo diante das belezas naturais. Trata-se bem de uma reconstrução memorial que permite inscrever seu autor em um vasto conjunto cultural (cf. as numerosas referências nos rodapés a Humboldt e a outros que realizaram viagens com finalidades científicas; as citações de Jean de Léry, etc...). A referência ao romantismo francês, constantemente evocado pela crítica, é também eminentemente problemática, na medida em

que esse romantismo é por si só uma categoria instável e, além disso, a articulação de Denis a essa fonte não é autoevidente. O motivo da natureza matricial pode ter numerosas origens e não necessariamente remeter automaticamente a Rousseau, Chateaubriand ou Bernardin de Saint Pierre. Da mesma maneira, sua inscrição no pano de fundo das Luzes, entenda-se humanista, foi parcamente trabalhada, porque é evidente que a ligação com os românticos brasileiros foi postulada antes de ser submetida à análise. Há que se agregar a isso que apenas uma historiografia preguiçosa pode supor a unidade do dito romantismo na França como na Europa; a herança assumida por um jovem de 21 anos sem dinheiro e altamente desclassificado, que passou apenas três anos em terra longínqua fazendo-a valer para tentar sua reintegração na metrópole, é certamente muito complexa.

Da mesma maneira, o corpus documental de Denis deve ser examinado em sua integralidade. Os textos sobre o Brasil não existem de forma isolada. É o outro lugar, o irracional e a viagem que fornecem o mínimo denominador comum entre todos os escritos de Denis, que de forma evidente se especializa na evocação de mundos esotéricos e/ou exóticos, até compor para si mesmo a figura de polígrafo singular, hiperativo, curioso e inclassificável. O espaço intelectual que com dificuldade consegue circunscrever e ocupar, na França da restauração, corresponde a uma estratégia individual que também não foi suficientemente explorada. O Brasil constitui apenas um dos fios da malha, um fio cuja natureza não pode deixar de ser informada pelos outros.

Formular a hipótese de um modo de inserção de Denis no campo dos intelectuais franceses sob a forma de um empreendimento de legitimação fundado na exploração sistemática de um saber marginal permite, talvez, dar maior inteligibilidade à aproximação que ele possa ter tido com o Brasil, e permitir o resgate do sentido

maior de suas observações sobre a libertação da tutela colonial portuguesa. Essas são apenas algumas pistas para um dossiê que até agora tem a clara aparência de terreno baldio.

As recepções de Denis : instrumentação e quiproquó

No momento, no que diz respeito às recepções dos escritos de Ferdinand Denis, constata-se que houve ao menos três de caráter explícito, uma contemporânea realizada por intelectuais brasileiros, a segunda por alguns comentadores franceses e a terceira pela atual crítica brasileira. Essas três recepções não dedicam o mesmo tratamento ao viajante francês e podem também parecer relativamente contraditórias. No entanto, todas as três se fundamentam no mesmo princípio: a captura do discurso de Denis tendo por base alguns escritos, ou mesmo algumas frases, sobre a literatura brasileira. Esses textos são cuidadosamente descontextualizados, lidos exclusivamente em função de paradigmas interpretativos de antemão constituídos, fora do âmbito do comentário propriamente dito.

Na condição de estrangeiro, o sentimento da natureza que Denis exprime é, evidentemente, da ordem do entusiasmo diante do espetáculo oferecido pela exuberância da floresta tropical. Todavia, isso tem por fundamento uma reconstrução mítica das origens, simultaneamente pessoal e universal. Se a natureza é tropical, a postura do observador é claramente europeia. Denis estabelece paralelismos que lhe são próprios, o contato com a natureza do Novo Mundo tornando-se um dos ingredientes de uma regeneração que é em princípio pessoal, em um cenário que se assemelha ao de escritores europeus como Bernardin de Saint Pierre, Chateaubriand e outros já indicados. É, portanto, o alargamento do mundo, no qual há a oportunidade de um retorno a um lirismo e a uma emoção

original, que permite reavivar a poesia do velho mundo. O Brasil faz parte de um paradigma mais amplo que ultrapassa em muito as preocupações nacionais brasileiras.

A recepção paradoxal do Brasil encontra sua origem em discursos que não se endereçam aos mesmos destinatários. Enquanto Denis, como Chateaubriand em seu *Itinéraire de Paris à Jérusalem*, faz de sua viagem o lugar universal de uma renovação na qual ele vê se inscrever o destino de todos os povos, os românticos brasileiros falam aos brasileiros sobre a fundação e a ruptura com modelos portugueses. A leitura das obras publicadas na França sobre a necessidade de ruptura entre a literatura portuguesa e a jovem literatura brasileira deve ser examinada com atenção. Ela não pode ser feita simplesmente com a ajuda de categorias restritas ao romantismo (isto é, ao pré-romantismo) ou ao mundo natural. A constatação da rejeição de sugestões de Denis pelos primeiros românticos nacionalistas, como Gonçalves de Magalhães, ainda que algumas de suas proposições - como, por exemplo, o abandono de referências à mitologia grega - se reencontram nos dois programas estéticos³, remete a objetivos diferentes. Entre um discurso político e histórico de ruptura e uma defesa universalista e a-histórica, as repercussões são aleatórias.

Se os especialistas franceses, como Paul Hazard, acompanham a mitologia francesa que supõe uma transferência bem sucedida, a posição posterior de Antonio Candido, por exemplo, que insere Denis em um pré-romantismo positivado remete ao mesmo problema, que consiste em inserir o francês em uma história literária brasileira já amplamente constituída em *A formação da literatura brasileira*.

³ É de interesse colocar em paralelo o *Résumé de l'histoire de la littérature brésilienne* de Ferdinand Denis (1826) e o artigo « Ensaio sobre a história da literatura do Brasil – estudo preliminar », publicado por D. J. Magalhães no primeiro número da revista *Nitheroy* (1836).

Esse tipo de leitura prevenida tende a diluir a mediação para constituí-la em uma simples passarela, mesmo quando a resistência oferecida pelo intermediário constitui um momento singular de difícil integração na história literária. A releitura atenta de Denis nos leva a perceber o quanto ele se inscreve justamente fora da história, fora de toda problemática evolucionista, fora de qualquer paradigma. Sua biografia é aquela de um franco-atirador que trabalha a matéria brasileira como aquela de sua própria juventude, com uma liberdade e um frescor desprovidos de todo preconceito, graças ao fato de que ele não adota nenhuma atitude precisa no campo intelectual brasileiro. Sua problemática pessoal é, além disso, na França essencialmente, onde ele ocupa uma posição marginal, lá também do fato de sua extraterritorialidade permanece como a conquista decisiva de sua viagem ao Brasil. Isso não compromete em nada seu discurso que, por seu desenraizamento histórico, continua a suscitar interesse e curiosidade. Com efeito, ele ilustra de maneira exemplar um tipo de traficante que escapa ao uso de todas as categorias.

De nosso ponto de vista, e é talvez lá, o momento de desenraizamento necessário, é tentador colocar Denis ao lado dos Thevet, dos Léry ou de Lévi-Strauss, porque eles partilham uma experiência curta e decepcionante no país e uma formidável compensação literária e científica. Essas são, no entanto, apenas aproximações heurísticas que não pretendem passar por resultados efetivos. Somente subsiste a certeza que o dossiê Ferdinand Denis está ainda em aberto.

Bibliografia

BOURDON, Leon (org), *Lettres familières et fragment du journal intime de Ferdinand Denis à Bahia (1816-1819)*, Coimbra, Coimbra Editora, 1957.

DIAS, Cicero, *Catálogo de documentos referentes ao Brasil*, Comissão de estudos dos textos da história do Brasil, Ministério das Relações Exteriores, 1975.

LESTRINGANT, Franck, « Ferdinand Denis, inventeur de la France Antarctique du Brésil », no volume XXIV de *Travaux de Littérature, Les Amériques des Écrivains français*, publicado por l'ADIREL com apoio do Centre national du livre, Paris, 2011, p. 219-234.

DENIS, Ferdinand, *Scènes de La nature sous les tropiques et de leur influence sur la poésie, suivies de Camoens et José Índio*, Paris, Louis Janet Librairie, 1824.

DENIS, Ferdinand, *Resume de l'histoire littéraire Du Portugal, suivi du résumé de l'histoire littéraire du Brésil*, Paris, Lecointe et Durey Libraires, 1826.

DENIS, Ferdinand et Taunay, Hippolyte, *Le Brésil, ou l'histoire des mœurs, usages et coutumes des habitants de ce royaume*, 6 volumes, Paris, Nepveu, 1822.

CANDIDO, Antonio, *Formação da literatura brasileira*, Volumes 1 e 2, 7ª edição, Belo Horizonte/Rio de Janeiro, Itatiaia, 1993.

HAZARD, Paul, “De l'ancien au nouveau monde, des origines du romantisme au Brésil”, *Revue de littérature comparée*, janvier-mars, 1927.

Nitheroy, *Revista Brasiliense, Ciencias, letras e artes*, (1836), edição fac-similar em CD-rom, acompanhada de estudos críticos, Ana Beatriz Demarchi Barel (org), Coimbra, Minerva, 2006.

RIVAS, Pierre, *Encontro entre literaturas : França-Portugal-Brasil*, São Paulo, Hucitec, 1995.